Como está o passe na Escola, hoje?

CHRISTIAN DUNKER entrevista MARC STRAUSS

CHRISTIAN DUNKER: Como o senhor avalia a recepção do ensino e da clínica de Lacan, hoje, 25 anos após sua morte?

MARC STRAUSS: Essa é uma boa pergunta, pois quando você escuta e pensa: "parece Lacan", talvez ainda não seja Lacan. Quando você lê o *Ato de Fundação* da Escola Freudiana de Paris[1], é muito fácil, hoje, ver como ele estava sozinho em sua Escola.

Apenas alguns poucos começam a entender o que ele dizia. Só hoje, isso nos parece um pouco mais claro. É muito fácil observar como as pessoas à volta dele, com ele, não entendiam nada, exatamente nada, do que ele dizia. Ele estava completamente só. É claro que se usavam alguns de seus termos, mas seu trabalho era solitário. Talvez um ou outro aluno se aproximasse.

Não tenho certeza, todavia, se o movimento psicanalítico atual já chegou onde Lacan estava. Pessoalmente, tenho certeza de que ainda não cheguei. Há muitos textos e indicações de Lacan que não entendo. Alguns lamentam, entristecem-se com o fato de sermos uma geração de estudantes. Mesmo que não sejamos mais tão jovens, continuamos estudantes pela vida afora. É pena entristecer-se com isso porque, quando vivemos com Lacan, com os textos de Lacan, não há nada de triste. Ao contrário, há sempre algo novo a descobrir em seu ensino e a aprender com as suas palavras. Então, por que nos tornarmos mais sérios do que somos? Em minha opinião, o melhor a fazer é sermos 'passadores' do ensino de Lacan. Se isso for possível, já é muito. Não compactuo com as pessoas apressadas em sobrepujar Lacan. Há muitos tesouros ainda não descobertos em seu trabalho. É claro que a situação não é a mesma de vinte anos atrás, mas ainda há trabalho a fazer.

[1] Lacan. Ato de fundação (1964/2003).

CHRISTIAN DUNKER: O senhor concorda que Lacan foi um tipo divertido e engraçado? Esse aspecto esteve completamente perdido no Brasil. Aqui, temos mais contato com os textos lacanianos, com as instituições lacanianas... Com freqüência, nós as vemos iradas, tristes, estóicas... Não sei se o senhor concorda com a opinião geral sobre esse aspecto e quanto ao fato de esses

analistas se acharem e se portarem muito seriamente. O senhor teria algo a dizer sobre isso?

Marc Strauss: Talvez essa seja a maneira de eles suportarem e esconderem, inclusive para si mesmos, uma posição de impostura, ainda que inocente. Não digo que a maioria seja composta de *gangsteres* e esteja contra nós. Alguns sim, algo que acontece em toda parte. Toda sociedade tem alguns, e esse não é o problema. Muitos tentam manter o nível de Lacan, mas sabemos que não o temos. Tudo o que você pode dizer é que, de fato, não o tem. É divertido continuar a trabalhar assim, pode ser mesmo divertido. Ou, então, você tenta esconder que não tem esse nível, mas que deveria tê-lo, que não entende tudo o que foi formulado por Lacan, que há coisas que você não domina ou que está parado, às voltas com algo há muito tempo. Assim, se você acha que tem de esconder de você mesmo essa falta de conhecimento e o fato de permanecerem questões, é claro que você ficará deprimido. Nesse sentido, é interessante notar como muitos de nossos colegas se interessam mais pelo que sabem do que pelo que ainda não sabem. Lacan, em vez disso, sempre se interessou mais pelo que ainda não sabia. O que ele sabia não o interessava. O que faz alguém se interessar pelo que sabe ou pelo que não sabe? Não sabemos. É um desafio para os psicanalistas produzir, necessariamente, alguém interessado no que não sabe. Não estou certo de que isso ocorra, pois a maioria das pessoas quer o que já sabe.

Christian Dunker: Como trabalhar, nos dias de hoje, a questão do passe? Parece haver duas vias principais: uma, considerar que sabemos o que é o final de análise e que temos de verificar isso com um analisante...

Marc Strauss: Ninguém dirá isso... Não é politicamente correto. Jamais encontramos alguém que dissesse isso. De fato, é muito mais difícil quando não há critérios. Certamente, cada um tem seu próprio critério: cada um avalia se sua demanda de análise foi a melhor possível, se o processo analítico e o final de análise foram bons, se sua prática é boa... Cada um, enfim, usa sua própria experiência, suas próprias idéias. O passe é a análise de cada um!

Christian Dunker: Falávamos sobre o que se tem pesquisado em decorrência do passe. Novas questões sobre as análises, a transmissão, os diferentes finais de análise...

MARC STRAUSS: Acho isso muito importante. Participei de alguns cartéis do passe, de alguns cartéis do passe diferentes, e tenho uma pequena experiência sobre essa questão. É realmente muito difícil falar sobre o passe. Acho bom que o passe exista, mas não estou certo de que seja uma boa idéia esperar muito da experiência do passe. Como disse recentemente em um Encontro em Paris, esse é um modo preguiçoso de pensar: esperar tudo ou quase tudo do passe, ou então esperar a maior parte das revelações, do que pode haver de novo, dos cartéis do passe ou dos AEs nomeados. Cada analista tem a responsabilidade de pensar a psicanálise, de responder questões acerca do que a análise quer dizer, sobre como mudamos os sintomas, o gozo, o sujeito. Não é o passe apenas. O passe é uma pequena parte do campo de nossa experiência, que é muito mais amplo. Esperar demais do passe equivale a considerar que sabemos o que é a análise. Se todos sabem, então não há problemas. Isso, porém, não é verdade. A questão do final de análise, do que ele quer dizer exatamente, não é a principal questão da psicanálise. A questão primordial continua ser o que é a análise, e ela é de responsabilidade de cada um dos analistas. Não sou alguém que dê demasiada importância ao passe. Devemos lhe dar um lugar importante, mas não demasiadamente importante.

No que me concerne, estou especialmente ocupado com o que fizemos com o ensino de Lacan nesses 25 anos. Temos tentado entender Lacan, ser seus passadores, e talvez tenhamos esperado muito tempo resistindo à psicanálise. Lacan dizia que os analistas são os que mais resistem à psicanálise, e um dos modos dessa resistência é falar apenas sobre o passe, ou seja, fazer do passe uma religião.

CHRISTIAN DUNKER: Há outras formas de resistência, que introduzem promessas de novos amores, de novas formas de sexualidade, novos modos de ser...

MARC STRAUSS: Antes disso, gostaria de falar das formas de resistência em nossa instituição, referidas a duas tendências: em um dos extremos, está o passe; no outro, a clínica. Com freqüência, diz-se: "Vamos falar da clínica, ela traz questões, implica transmissão, produz efeito no público, em nossos estudantes" etc. Claro que a clínica, como o passe, é muito importante, mas quando ensinamos a clínica, na maioria das vezes ensinamos o que sabemos seja sobre a histeria e a neurose obsessiva, seja sobre a psicose. Somos professores. Para mim, essas são duas formas atuais de resistir à psicanálise que encontramos em nossa

instituição, a saber, lugares demasiadamente importantes seja para o passe, seja para a clínica.

Christian Dunker: Concordo.

Marc Strauss: No que diz respeito à sua pergunta sobre a outra forma mais comum de resistir à psicanálise, a de se fazer promessas, a psicanálise não necessita fazê-las. A psicanálise é algo muito, muito importante, na vida de um sujeito, pois ela muda a sua vida. Não transformamos as pessoas, não fazemos um gênio de alguém que não é, não produzimos um novo Picasso ou Mozart, mas possibilitamos a cada um ser o que ele ou ela é, ser para a vida dele ou dela, fazer a vida pertencer a si. Mesmo que não venha a se tornar alguém famoso, um artista, por exemplo, tratar-se-á da vida dele ou dela, e isso é muito importante. Certamente, porém, não se trata de algo vendável como uma revolução. Sou muito prudente quanto a essas promessas de novos sujeitos, de novos sexos, novas humanidades, novos laços sociais. Não! Se soubermos o que fazemos, se tivermos uma idéia clara de nosso trabalho, não teremos de fazer promessas. A maioria das promessas é feita porque as pessoas não sabem o que fazem. Então, têm de inventar, de prometer coisas infundadas. Acho que aqueles que fazem promessas pagam muito caro porque as pessoas podem acreditar um pouco mais ou um pouco menos, mas, depois disso, ficam desapontadas, zangam-se. Se você tem de fazer promessas é porque não tem certeza do que tem ou do que faz.

Christian Dunker: O senhor iniciou seu percurso pela psiquiatria. A relação entre a psicanálise e a psiquiatria mudou muito do começo de sua prática até hoje. É comum fazer referência a uma espécie de guerra entre analistas e psiquiatras. Como o senhor vê o que aconteceu durante esses 25 anos?

Marc Strauss: Tive a chance de começar minha prática em Salzburgo, onde analistas e psiquiatras trabalhavam juntos, mas as coisas mudaram muito por toda parte, inclusive em Salzburgo. Acho que, atualmente, não há mais guerra. Nem mesmo, como dizia Freud, entre a baleia e o urso polar. Atualmente, psicanalistas e psiquiatras não se encontram mais, estão em campos diferentes. De modo geral, a psiquiatria lida com a questão sintomática e com os medicamentos. Os psiquiatras, especialmente na França, sobretudo os que atendem em serviços públicos, são pobres e não dispõem de tempo para ouvir as pessoas, pois

os pacientes são muitos. Eles, então, fazem o que podem, não estão mais em guerra conosco, fazem algo diferente. Ao mesmo tempo, falamos disso ontem[2], há verdadeiros analistas, sobretudo lacanianos, com uma responsabilidade real nesse exato momento. Na psiquiatria, não há mais diagnósticos baseados na estrutura. Não se trata de saber se algo é ou não importante, se há continuidade entre neurose e psicose, porque a questão não é mais essa, ela não se faz mais, não há mais nada disso, e não tem nem mesmo que existir. Foi essa a resposta que um psiquiatra-chefe deu à minha filha. Ela levou nossas discussões sobre o diagnóstico de pacientes em termos de neurose e psicose ao seu local de trabalho, e ele lhe disse muitas vezes que a questão não era aquela, que isso não queria dizer mais nada.

Hoje, existem distúrbios de comportamento, de humor, e você tem de curá-los. O problema é o diagnóstico. Então, no que concerne à estrutura, não se trata de ser contra ou a favor, pois ela não existe mais, não há nem sequer uma guerra. Em minha opinião, para manter-se a idéia de ser humano, de desejo, da relação do ser humano com a linguagem, precisamos da estrutura. Ela organiza os desejos, as chances na vida, e isso é algo muito importante. Esse é o bom caminho, o único caminho para se ter uma real consideração ética pelo sujeito e não apenas o diagnóstico para preencher um quadradinho com uma palavra. Há que se escutar o que o paciente tem a dizer, a testemunhar, no contexto da estrutura. Trata-se do único modo de escutar, da boa forma, não se prendendo à relação entre normalidade e patologia, nem se mantendo em uma relação de compreensão e identificação, porquanto um e outro estão em lugares opostos. Entender o paciente e ter bons sentimentos em relação a ele. Considerar o sujeito como estrutura e considerar apenas os sintomas, a normalidade, são dois procedimentos distintos. De todo modo, ambos são contrários à psicanálise, contrários a que se considere o ser humano aprisionado em uma estrutura, referido a uma estrutura, o que é capital.

Em minha opinião, a missão política mais importante da psicanálise nesse momento é defender tanto a idéia de estrutura quanto o diagnóstico. O diagnóstico não é a mesma coisa que um relacionamento funcional ou disfuncional. É, por exemplo, saber se o sujeito é psicótico ou neurótico, ainda que por vezes isso seja difícil. Esse, de todo modo, é um outro aspecto. Do ponto de vista ético, rejeitar a idéia de estrutura, ou da estrutura pela linguagem, é recusar saber algo sobre o ser humano, sobre os desejos humanos, sobre a vida humana. Penso que, hoje, nossa mensagem é esta: lutar para defender a

[1] N. do E. Marc Strauss concedeu essa entrevista em São Paulo, durante o *Seminário O corpo sexuado do ser falante* da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (Fórum São Paulo), 19 de agosto de 2006; São Paulo.

posição subjetiva referida à estrutura, cuidar para saber como escutar e como responder a alguém.

Christian Dunker: Atualmente há o debate sobre a união civil entre homossexuais, a adoção de filhos por casais homossexuais, e a psicanálise tem sido incitada a dizer algo sobre isso.

Marc Strauss: Sim, alguns analistas querem dizer alguma coisa a esse respeito. Alguns ganham fama com isso, mas se trata de um outro modo de resistir à psicanálise, pois não lida com o sujeito do significante e permite a criação de novas 'marcas' para serem trabalhadas pela psicanálise. Anorexia, bulimia, novas especializações etc. são criações de mercado. Penso que isso é contrário à psicanálise. Devemos considerar o sujeito em relação ao significante: o que ele tem a dizer, como o diz, o que isso quer dizer para ele, o que lhe é possível responder. A questão não é o sujeito ser de fato um jogador, um drogadito ou homossexual. Isso só é relevante, se for uma questão para o sujeito. E você não tem de ser especialista nisso.

Christian Dunker: O senhor está se referindo à questão da universalidade do sujeito: temos, então, de manter certa distância desse tipo de segregação baseada no gozo, na identificação, nos distúrbios, nos sintomas etc.

Marc Strauss: Como você dizia esta manhã, a psicanálise é algo muito simples ou impossível. Há algo importante no cerne da psicanálise: a questão do significante e suas relações com gozo, isto é, a questão de como o sujeito organiza inconscientemente seus modos de gozo. Não é raro analistas pensarem que não fizeram o bastante. Em minha opinião, eles pensam que se deve falar mais e mais, porque não entendem ou ignoram as conseqüências do que está no coração de seu trabalho. Trata-se, aqui também, de uma forma de resistência.

Christian Dunker: Temos, hoje, quase dez anos de experiência do Campo Lacaniano, chamado de Escola lacaniana. Olhando para trás, o senhor faria tudo de novo? Que tipo de problemas o senhor não imaginava que teria, quando começou esse novo caminho...

Marc Strauss: Quando saí da AMP? Bem... Não tínhamos outra escolha, mas não foi uma escolha confortável. Tínhamos uma casa grande e bonita, muitos funcionários, empregados,

conforto. Mas já não era mais psicanálise, embora o tenha sido durante muito tempo. Alguns colegas estavam sempre mal, lamentavam-se. Diziam que estávamos cegos, mas que tínhamos começado a ver...

Christian Dunker: Conversão?

Marc Strauss: Sabemos o que significa conversão, e não penso assim. Trabalhávamos muito seriamente, com limitações que dependiam da posição subjetiva do líder da AMP, mas, apesar das limitações, trabalhávamos muito. Em um determinado momento, essa limitação teve conseqüências institucionais e clínicas. Ele sabia disso e entendeu que tinha de se separar das pessoas que ele não conseguia cegar. Quem sabe, alguns dos que ficaram não são inteiramente cegos e se interessaram em ficar. Esse, de todo modo, não é o problema. O líder da AMP foi o mais duro possível em sua maneira de deter pontos importantes do ensino de Lacan. Não era possível continuar. Ele tinha de acabar com as pessoas, porque não há outro meio de se separar de alguém dentro da instituição. Em uma empresa privada, você põe a pessoa para fora e luta contra ela. Em uma instituição de psicanálise, não pode ser assim. Você tem de matar seu oponente simbolicamente, por exemplo, dizendo: "ele não consegue conduzir uma análise, ele não é um analista, ele é um desastre", e assim por diante. Esse foi o jeito de ele salvar sua posição. Para mim, naquele momento, ele não podia fazer de outra forma. Acabou. Nossa experiência comum foi importante, mas havia acabado: "Continuamos nossa experiência e, se vocês quiserem, continuem com a sua".

Acho que fomos bem-sucedidos, porque não somos muito numerosos. Conquistamos uma boa posição no campo psicanalítico francês e de outros lugares, como o Brasil, e isso é claro. Trabalhamos muito seriamente. Em minha opinião, aliás, muitos estudantes lacanianos trabalham com seriedade. Penso especialmente em Colette Soler, em seu trabalho esclarecedor e preciso. De algum modo, estamos diante de questões muito importantes não só referidas ao último ensino de Lacan, mas também formuladas por outras instituições que esperam respostas nossas. Elas não estão assustadas conosco porque não temos uma postura à moda de Napoleão Bonaparte, não somos tão fortes. Vamos em frente, e isso tem sido bem-sucedido. Tenho a impressão de que continuamos a ser os passadores do ensino de Lacan e de que não nos limitamos a apenas repeti-lo. Trazemos algo novo. Certamente, poderia haver mais pessoas

reunidas, poderíamos trabalhar melhor, ter menos problemas, mas a vida é assim.

Christian Dunker: O senhor trabalhou pessoalmente com Lacan. Poderia nos falar algo sobre a história psicanalítica francesa na década de 1970, em que havia muita gente procurando Lacan, buscando respostas para questões levantadas por ele sobre a teoria psicanalítica, a topologia, a lógica, o feminino, o futuro da psicanálise. Qual é a sua impressão disso, hoje?

Marc Strauss: Não sei se entendi bem sua pergunta. Sim, encontrei-me com Lacan. Ele tinha algo especial, transmitia seu entusiasmo. Não se cansava ou ficava infeliz. Tinha um entusiasmo autêntico pelo conhecimento. Não o conhecimento abstrato, mas aquele relacionado ao sujeito. Tinha uma curiosidade fantástica pelo ser humano. Quando apresentávamos pacientes para ele em Ste. Anne – alguns eram antigos e já estavam havia muito tempo no hospital –, não eram pacientes que despertassem interesse, não eram pessoas interessantes, no sentido jornalístico. Ele, porém, interessava-se por qualquer pessoa. "Como ela vive?" "Qual era seu suporte na vida?" Ele queria saber como aquela pessoa manejava sua vida, se era psicótico, neurótico, o que a sustentava etc. Para ele, cada ser humano era um testemunho vivo de uma solução pessoal para viver conforme o significante. No *Seminário – livro 20*, se não me engano, ele disse que "as pessoas se reconhecem pela maneira de enfrentar as dificuldades da existência". Isso implica uma posição ética, e não moral. Não se trata de algo bom ou não, mas sim do que você aceita e do que você não aceita. Como determinado sujeito aceita viver, suportar a vida e fazer dela, apesar do que há de insuportável, algo prazeroso? O que o faz viver e aceitar viver? Qual a maneira com que encontra sua própria solução? Lacan transmitia essa curiosidade. Para ele, cada pessoa era um enigma interessante. Obviamente, ele também dizia coisas como: "Esse cara é um estúpido, uns são mentirosos, outros não". Só que, para os pacientes, tinha disponibilidade e curiosidade ilimitadas.

Outro ponto que gostaria de abordar, e do qual pouco se fala, é a relação de Lacan com a Segunda Grande Guerra, com seus amigos e colaboradores. Lacan não foi um herói, não arriscou a vida na Resistência. É muito conhecido o episódio em que sua mulher Silvie Bataille se deixou inscrever na lista da Gestapo, em Paris, em 1941. Quando Lacan soube, foi até a Gestapo e disse: "Vocês me dêem o dossiê de Silvie, ela não tem nada a ver com isso". Ele fez um escândalo e a Gestapo aceitou.

Há muitíssimas referências sobre a raiva de Lacan contra a submissão. Ele odiava a submissão à brutalidade. Não era um artista, mas detestava quem abria mão de sua responsabilidade, por delegação ou mestria. Odiava a renúncia do ser humano à sua própria liberdade.

CHRISTIAN DUNKER: Liberdade?

MARC STRAUSS: Sim, liberdade. Certa vez, em uma entrevista na televisão, um jornalista lhe perguntou sobre a liberdade. Ele saiu do sério e disse: "Eu nunca falo de liberdade". Ele não acreditava em liberdade. Trata-se de algo complicado: não acreditar na liberdade, mas também não aceitar a submissão, a renúncia ao gozo, à satisfação, ao que faz a vida. A questão de Lacan não era moral, e sim ética. Ele nunca disse isso é bom, isso não é bom, ou você deve fazer isto ou aquilo. Essa não era uma questão para ele. Importava-lhe se você assumia ou não o que tinha de fazer. Para ele, não assumir era algo terrível. Ele ficava irado, furioso. Também há muitíssimas passagens de Lacan sobre o que faz o sujeito não renunciar a sua própria responsabilidade, e isso é algo muito importante. A guerra, para ele, não apenas as do Século XX, como a revolução bolchevista, o nazismo etc. – ele não era tolo de pensar em salvar a humanidade – era pensar de que modo, um a um, podemos dizer não a essa abjeção. Esse é um outro ponto muito importante a ser lembrado.

CHRISTIAN DUNKER: E não é valorizado...

MARC STRAUSS: Mas é muito importante. Se você tiver curiosidade, verá muitíssimas observações dele a esse respeito...

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1964). Ato de Fundação. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

resumo

Entrevista sobre a recepção do ensino e da clínica de Lacan 25 anos após a sua morte, com ênfase nas questões do passe, dos finais de análise e da transmissão da clínica, na qual busca-se defender a importância não só do diagnóstico diferencial, como também da estrutura.

palavras-chave

clínica, diagnóstico, estrutura

abstract

Interview about the reception of Lacan's teaching and practice 25 years after his death, emphasizing issues of the pass, of the end of analysis and of the transmission of the clinic, in which the goal is to defend the importance of not only the differential diagnosis but also of the structure.

key words

practice, diagnosis, capitalism

recebido

20/07/2006

aprovado

27/09/2006